

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

REDACTORES } M. A. LIMA BARATTA.
ALFREDO C. C. QUEIROZ.

Editor—Joaquim Marlianno de Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na typographia do Paiz, largo de Palacio n. 17. As assignaturas são pagas adiantadas.

NUMERO 32.

O DOMINGO.

MARANHÃO, 24 DE AGOSTO DE 1873.

Entra hoje o *Domingo* n'uma nova phase da sua gloriosa existencia. Não porque augmente ou diminua o formato; não porque altere o dia da sua publicação—que lhe dá o nome—; não, finalmente, por qualquer outra circumstancia que não seja a de ter passado a novo proprietario e a novo redactores, devido á anquencia do nosso sempre lembrado Arthur Azevedo.

O nome d'este sympathico joven, collocado no lôpo de cada numero d'este jornal, era já para com os assignantes uma garantia da sua duração. Tais eram os esforços e a dedicação d'aquelle que ha poucos dias deixou saudoso o seu torrão natal e partiu a bordo do *Bahia* para a corte do Imperio, em busca de novos mundos, onde mais livremente possa espraizar a sua fertilissima imaginação.

Eis, pois, o *Domingo* entregue a novo proprietario, e á uma nova redacção que envidará todos os meios ao seu alcance para dar-lhe cada vez maior incremento,—porque, por aquelle motivo, aliás poderoso, não podia nem devia este modesto jornalzinho desaparecer d'arena.

A sua existencia é já uma necessidade; a sua falta seria já sentida.

Contando quasi dous annos de salutar peregrinação, tem este pequeno campeão da imprensa captado as sympathias pu-

blicas tanto d'esta como de outras provincias, e d'ora em diante se exortará por não deixar artefecer esse merecido conceito.

Nós, a quem está agora confiada a boa ou má sorte do *Domingo*, temos a mais robusta fé em que, com o auxilio dos seus antigos e exhortados collaboradores, e com os nossos proprios recursos, daremos satisfactoria conta de tão honrosa missão.

M. A. Lima Baratta.

Alfredo C. C. Queiroz.

A poesia popular brazileira.

(Continuado do n. 31.)

VIII

Das lendas piedosas d'esta parte a mais corrente entre nós, somente quanto ao fundo, é a primeira, do *Jesus Mendigo*. Mesmo a que ouvimos, em prosa, não era bem semelhante á esta, mas o elemento predominante—a pobreza—era o mesmo, acompanhado do sêto ecclesiastico da maldição, como se nota na—*Ballade de Jesus Christ*, popular na Picardia e transcripta por Th. Braga.

Eis como resa a lenda que ouvimos por diversas vezes no Maranhão:

«Havia n'uma cidade dois homens, um pobre e outro rico, muito religiosos e amantes de Deus. Jesus, querendo experimentar qual d'elles o amava verdadeiramente, annunciou-lhes que em certo dia

iria jantar em sua companhia. O homem rico mandou preparar mezas laftas e accipies delicados e abundantes, e as festas annunciadas eram de espantar. O pobre, que apenas possuia uma gallinha, mandou matal-a e assal-a (*sic*). Preparou modestamente a sua meza e esperou o Christo. A tarde apresentou-se um mendigo a pedir esmola á porta do homem rico. Este despedio-o brutalmente, dizendo:—espero hoje N. S. Jesus Christo para jantar comigo, e não quero desmanchar a minha meza (*sic*). O mendigo voltou ainda segunda e terceira vez, com outros trajas e feições, e foi despedido do mesmo modo. A porta do homem pobre apparece o mesmo mendigo. Ficou o pobre homem sem saber o que fizesse, e então a mulher lembrou-lhe que poderiam tirar uma aza da gallinha e dal-a ao mendigo, sem que o Christo reparasse n'aquelle falta, pois a gallinha seria collocada no prato, de modo que o lado da aza cortada ficasse para baixo. Assim fizeram. Pouco depois, eis que apparece outro mendigo. Novas duvidas, novos calculos e nova aza de gallinha cortada. Terceiro mendigo ainda. A duvida era maior. Já não havia mais azas á cortar. Marido e mulher resolveram cortar uma côxa da gallinha e dal-a ao pobre, que então deu-se a conhecer como o proprio Christo.

O homem pobre e sua mulher foram para o paraíso, o rico para o inferno.»

Com toda essa simplicidade ouvimos-a

FOLHETIM.

Ultima carta a Holophernes.

Ainda uma vez volto á carga, meu sympathico amigo; não já em defesa das asserções inseridas no meu folhetim a que te dignaste responder, pois do meu pobre e mal construido edificio, tu, com o barbaro canatello da tua critica inflexivel, não deixaste pedra sobre pedra!

Mas venho agradecer-te as amaveis, quasi assucaradas expressões que me dirigiste, as quaes, por esquecimento talvez, deixaste de gritar.

Sim; venho agradecer-te a lieção, na qual, por nimia bondade tua, só faltou a palmatoria.

E' certo, porem, meu prestantissimo amigo, que apesar da derrota, eu não estou arrependido de ter escripto aquillo a que tive o arrojo de chamar—*Um folhetim*—e não me arrependo porque mereci uma tua resposta que me orgulhou!

A lieção foi severa mas proveitosa.

Provaste tanta coisa que até levaste á evidencia a minha incoherente opinião!

Se já não possuisses um formidavel bigode eu diria: aquillo é uma criança que não se cria!...

O que é um homem possuir no craneo o fogo do genio!

Tu és um Holophernes!

Mas tens mau genio.

Trepaste para cima da tua dialectica de ferro e reduziste a minha bandeira a farrapo!...

E agora o que fazer?

Abandonar-te o campo, entregar-te armas e bagagens, e retirar-me a um hospital para curar as sangrentas feridas que me deixou o teu acaaludo escarpello?...

Nada. Não, senhor.

Sou fraco adversario; conheço a minha insuflencia; estou em mau campo talvez, as minhas armas não tem a fina tempera das tuas, embo-

ra...; estou empenhado na refrega e já agora loctarei até exhalar o ultimo alento!

Entremos na questão magna.

Queres tudo para Julia.

Negas tudo á Carolina.

Analysemos:

Julia só no Sr. *Domidgos fora do serio*, representa só; não nego, antes affirmo que d'esta scena comica tira aquella intelligente criança um partido immenso.—E' a sua corôa de gloria!

Mas por ventura o successo que um artista dramatico consegue em um papel que desempenha dá-lhe o direito de primazia sobre outro artista?

Negas que nas comedias representadas pelas meninas Riess a mais velha acompanha dignamente a mais nova?

Negas isto, Holophernes?

Pois nas comedias—

Paulo e Virginia

Soirée do carnaval

Casal Barbalho

e reproduzimos-a. Falta nesse resumo a parte dialogada entre o homem pobre e sua mulher, afim de descobrirem o modo por que haviam de dar esmola ao mendigo, parte dramatica, onde por vezes apparecem argumentos positivos e practicos de uma boa dona de casa, o que denota a grande verdade de sentimento que preside á lenda.

O povo tem d'estas parabolae, onde encarna em factos materiaes os seus symbolos e abstracções, de tal modo, que parece á gente poder tocar os personagens symbolisados. Nesta lenda, assim como em outras que se citarão adiante, esta verdade salta aos olhos.

Os romances de Santo Antonio e a Princesa e de Santa Iria a Fidalga, que vêm logo depois do Jesus Mendigo, nos são desconhecidos.

O romance da Devota da Ermida tambem nos não é conhecido, mas ha n'elle um lugar que se basæ no mesmo elemento maravilhoso do milagre, que se encontra em um romance muito corrente no Maranhão e na Bahia, e ao qual intitularíamos da Madrasta, romance que vem desenvolvido e aformoseado nos Cuentos de Color de Rosa do Antonio de Trubea, somente quanto á feição antipathica da madrasta, e cremos que (citamos de memoria) nos Contes Bleus de E. Laboulaye.

E' a mesma tradição que se encontra no Romance do Conde Alberto, da lição de Garret, quando uma crença falla no seio de sua mãe.

Esse elemento, no Romance da Devota da Ermida, está n'estes versos:

Prenhadinha de oito mezes
para os nove corria;
no cabo do nove mezes
um lindo cantar se ouvia.
Abriram a sepultura
onde a encontraram parida,
com uma menina no braço
que se chamava Maria.

O romance brasileiro (?) é o seguinte:

Deus infernos
Criada Impagavel
a menina Carolina não desempenha perfeitamente
os papeis de que a encarregam?

Porque não agrada tanto? dirás tu.

Examinemos:

Militam em favor de Julia razões muito fortes para que tenha agradado mais do que a irmã; e uma das mais fortes é ser menor, por isso mesmo dá ella toda a expansão ao seu notavel espirito; não pensa, não tem idade para isso, se em um ou outro lugar vai alem do que devera, o publico recebe qualquer senão por sua graça e applaude; cabe-lhe alem d'isto, em parilha, os papeis mais jocosos porque este é o seu genero.

A outra está em sentido opposto: menos criança, mais recatada, menos expansiva; caracter diverso na arte dramatica, são-lhe distribuidos os papeis mais serios, fechados em um circulo mais estreito, em regras mais apertadas; d'ahi o não agradar tanto, não produzir o effeito, não tirar o partido que tira a mais nova, antes

«Um viuvo tinha duas filhas, meninas ainda, e casou-se com uma mulher má. Esta tomou raiva ás pequenas, e mandava-as todos os dias vigiar uma figueira, para que os passaros não comessem os figos. Castigava-as asperamente, quando acontecia faltar algum figo, e sempre achava razões para dar-lhes pancadas. As meninas pediam á Virgem que as protegesse.

«Um dia, em que o marido foi fazer uma viagem, a mulher manda enterrar vivas as pequenas, e, quando o marido chega, ella as dá como tendo morrido naturalmente. No lugar, onde foram enterradas as meninas, nasceu um bonito capinzal. (1) que, quando o vento soprava, resoava em um estribilho constante que dizia;

Xô! xô! xô! passarinho,
não comas o figo da minha figueira.

Este era o estribilho que as meninas cantavam, quando, vivas ainda, iam vigiar a figueira. O jardineiro da casa veio participar ao amo aquelle successo e não foi acreditado. Finalmente, após muita tenacidade do jardineiro, consentio o amo em ir ouvir com seus proprios ouvidos o facto milagroso. Foi e ouviu.—Pois amanhã cortarás este capim todo, disse o amo ao jardineiro. No outro dia o jardineiro foi ao serviço, e, mal deu a primeira foçada, eis que se levanta um novo cantar das profundezas da terra. Esse cantar dizia:

Jardineiro de meu pae,
não me cortes meus cabellos!
minha mãe os penteava,
minha madrasta os entrecou!

Corre o jardineiro a dar a noticia ao amo, que vem ao capinzal e ouve o mesmo cantar. Manda cavar o lugar e encontra suas filhas, vivas ainda, por milagre de N. S., de quem eram devotas. Dos ca-

(1) Semelhança com os romances de Tristan et Iseult e do Cavall. Niño.

concorrendo para que a comparação seja em favor d'esta.

E depois a idade d'uma e d'outra, e eis ali tudo.

Julia—uma criança extraordinaria!

Carolina—a chrysalida de uma grande artista!

Apontas-me a opinião publica abertamente pronunciada em favor da menor das Rias; respeito a opinião publica, visto que até os Papas com toda a sua infalibilidade se dobram perante essa «veneranda individual», mas consente dizer-te aqui á paridade que a opinião publica, assim como a individual, tambem se desvaira; a opinião publica tambem é inconsequente; muitas vezes injusta, muitas mais caprichosa.

Podia citar-te alguns factos em favor das minhas asserções, mas limitar-me-hei a perguntar-te: o que te parece a opinião publica da França?

Quando o povo francez gritava pelas ruas do Paris, louco, frenetico, delirante: á Berlin! á

bellos das meninas havia nascido o capinzal. De volta á casa, encontrou-se o marido com a mulher morta. Era o castigo dado por N. Senhora.»

Este romance tem uma fôrma infantil encantadora, e nós ouvimos os seus estribilhos cantados por crianças, muitas e diversas vezes. Serve tambem frequentemente para cantiga de berço.

Elle parece-nos portuguez, por causa da entidade jardineiro que não nos é commum, com essa denominação, nem frequente em os lugares onde o ouvimos nos costumes populares. Si, em lugar do jardineiro fosse o feitor, o escravo, o moleque, então diríamos com certeza ser elle brasileiro. Ha, porém, o capinzal, que não é portuguez. Portugal symbolisaria os cabellos pelo trigo, pelo centeio, pela aveia, por outra qualquer planta, mas não pelo capim (2). Mas este facto, talvez, seja explicado pela appropriação que se vai fazendo lentamente do romance, e que não está ainda completa. E' que o povo no trabalho da transplantação, transforma primeiro aquillo que lhe impressiona mais os sentidos, e a natureza que o cerca á primeira a fornecer-lhe similes para essa elabotação.

A devoção da virgem tem sido uma fonte perenne de tradições para estas lendas.

Entre nós ellas formigam. Temos algumas verdadeiramente nossas, como a do Jaboty, de que diante se fallará.

Um paradigma, por exemplo, da Oração do dia de Juizo (versão do Minho) encontra-se entre nós na lenda de uma mulher pobre e selvagem, que só sabia dizer estas duas palavras—Ave-Maria, mas as dizia com tanta devoção, que salvou-se quando morreo.

(2) Ao cantarem este romance, o nome e qualidade do capim muitas vezes eram ditos e explicados. Algumas vezes o nome frequentemente era o capim chamado de colonia, de outras ora a taboquinha.

Berlin! um homem disse em pleno parlamento: Voto contra a declaração de guerra!

Thiers, pois era este o homem, pouco faltou para ser apupado, por que vio-se só, isolado!

E, entretanto, Thiers tinha razão! Mais tarde a França toda provou exuberantemente que pensava peor do que uma só cabeça!

Nas grandes como nas pequenas cousas a opinião publica pode iludir se.

Ei disse no principio da minha carta que lutaría até me faltar o alento, mas vejo que me vai faltando paciencia para aturar-te; vou, portanto terminar, prometendo-te não voltar mais ao assumpto; fique cada um de nós com a sua opinião; respeitemo-la mutuamente; e, já que se trata de meninas, dir-te-hei em conclusão que se fosses uma menina bonita mandava-te, juntamente com esta, dous beijos, um raminho d'alecrim e os meus suspiros.

Teu do C.

Goliath.

Esta lenda, seja dito de passagem, parece-nos contudo invenção ecclesiastica, e, o que é mais, jesuitica. Não temos, porém, documento algum para provar esta asserção, que fica sendo uma mera hypothese.

A mesma crença se dá para com a oração de N. S. do Monteserrate, de origem portugueza. Pelo interior das provincias, é raro encontrar-se um homem ou uma mulher, sem a sua oração do Monte serrate ao pescoço, cosida dentro de uma bolsa de couro ou polimento.

A influencia das missões e dos missionarios sobre o povo é a razão mais plausivel para explicar estas lendas modernas, e esta especie de fetichismo creado pela ambição dos padres.

E' assim que as orações de S. Braz, de Santa Barbara e S. Jeronymo, de Santa Helena, de Santa Luzia, os leites de N. S. e outras frioleiras d'esta ordem, são decoradas e trazidas ao pescoço, para livrarem das moléstias de garganta, dos trovões e dos raios, para sonhar com quem se quer e adivinhar o que se deseja saber, para curar doenças de olhos e, finalmente, para impedir que o leite seque nos peitos. Deve-se concordar que uma tradição fundada nestes princípios é defeituosa forçosamente.

Isto, porém, já não entra no nosso programma. São credices impostas pelo interesse dos propagandistas da fé christã, que as mais das vezes, sinão sempre, estragam e derrancam a inspiração popular, a comprehensão da natureza, e matam a poesia ou a desfiguram, que é peior do que mata-la. (3)

A mythologia é um dos factos que mais fortemente actuam sobre a poesia, mas não é uma mythologia official e da cartilha, como essa que os padres ensinam, (4) é a mythologia naturalista, que nasce espontaneamente do espirito do povo, que se forma com a sua lingua, que estabelece as bases de sua religião, que tem os seus herões, os seus semi-deuses, que é o facto primitivo e talvez inicial do despertar intellectual de um povo.

Esta mythologia nós respeitamos, mas a outra,—desprezamos-la.

Vamo-nos, porém, afastando do as-

sumpto principal. Deixemos essas crenças supersticiosas e voltemos ás lendas.

(Continua.)

Vem!

Meu coração é um céu todo estrellado,
De azules e lindas nuvens recamado
Em noites de luar!
Vem contemplan'lo! Em breve s'escurece
E heu s-bes, mulher, qu'elle caroece
D'uma estrella polar.

Meu coração é mar todo bonança
Em que o fragil batel é a esperança
Do nosso puro amor;
Mas, si as ondas erguem-se bravias
E o fraca batel — das ventanias
Fôr cedendo ao favor?...

Meu coração é um jardim formoso
Variado, soberbo e perfumoso
De d-líeadas fl res;
Vem colher-as, meu anjo, vem, te apresta,
Oh! não tardes que pude o sol da sesta
Crestar as suas cores.

Elmano Rivarola.

A...

Eu tinha-te nos braços
Sorrindo ao vê-te descuidosa e pura!
E, dava-te abraços
com fogo, d'irante!

Ai, como rescendia então freseura
teu seio palpitante!

Um languido sorriso
teu fino e rubeo labio desfolhava;
vi n'elle o paraizo,
a luz do creador,
emeque todo meu ser se mergulhava
nadando em puro amor!

Depois, soltando a trança,
fugiste-me dos braços com receio.
Por que, loira criança,
por que te foste assim?
Engano! eu não manchei teu casto seio
macio do setim!

Volta, anjo formoso,
ai, vóa para mim, que te amo tanto!
Teu rosto esplendoroso
divino, sem igual,
é um mixto de amor, de luz e pranto,
de bello e d'ideal!

Rio de Janeiro—julho de 73.

A CARLOS D'ALMEIDA.

CHRONICA.

Inteiro do novo chronista—O regresso do Dr. Maia—A effluvia nomeação do desembargador Braga—O assassinato do meu irmão Maia—Causas de certa autidade—A festa de S. Manoel.

Eis-me encolado na bandeira de chronista sem querer, amigos leitores; unicamente para atislozer a vontade do nosso sempre honrado Eloy, o heroe.

Apresentando-me perante vós pela primeira vez sob o nome de uma tarefa tão espinhosa, quero-me garantir-vos que empregarei todos os meus exforços para que as minhas chronicas sejam senão agradaveis aos vossos toleraveis.

Houve nesta semana grande reboição na cidade.

Na noite de 14 do corrente pelo regresso do Sr. Dr. Maia do Rio de Janeiro e a definitiva nomeação do Sr. Dr. Braga para desembargador da relação d'este districto, nossas bandas de musica não cessarão de tocar constantemente á porta d'estes dous distinctos cavalheiros, e, de dia mesmo, não forão poupadas, porque lá se fiserão ouvir por mais de uma vez.

Foguetes em profusão fenderão as aérias regiões com caloroso estrondo, assim como muito copo de vinho acompanhado de muitas fatias de presunto, fendo o estomago de muitos patriotas indistinctos e até mesmo de alguns distinctos.

Pelas informações que colhi, fui sabedor da animação que reinou em casa do Sr. Dr. Maia, onde se fizerão muitos brindes ao seu feliz regresso, dous dos quaes forão erguidos pelos seus dedicados amigos, os illustres cidadãos Ricardo de Carvalho e Henrique Guilhon, que muito agradarão, por serem a expressão sincera dos seus sentimentos. Abundando ambos nas mesmas ideias, descreverão de uma maneira primorosa os elevados dotes do prestimoso chefe do partido conservador n'esta provincia e na peroração de seus discursos fizerão uma succinta analyse do seu character politico e da sua tolerancia governativa, delineando o Sr. Guilhon com muito brillantismo os efeitos de sua benefica administração, quando vice-presidente em 1870. O Sr. Carvalho, com não menos elegancia recordou os actos de sua sabia administração, quando este deputado ao nosso parlamento provincial, rematando o seu discurso por uma especie de circumloquio, no qual patenteou com toda a concisão e claresa a lealdade politica do digno chefe conservador, nunca até hoje desmentida.

Fiserão-se ainda outras sandes importantes porém ligeiras e terminarão com o brinde, que por fim levantou o chefe da maioria conservadora aos seus amigos e ao paiz e mais que tudo ao prospero engrandecimento da republica brasileira. Immediatamente se fez ouvir o hymno nacional, e milhares de bombas troarão nos ares conduzidas para lá por centenas de foguetes.

Em quanto isto se passava em casa do nosso eminente medico, igual entusiasmo se reproduzia em casa do nosso recente desembargador, onde os visitantes pultavam por todos os angulos das salas, e onde a quantidade de saudes esteve na razão directa do numero de convivas. Os

(3) Note se, por exemplo, a differença que vai das lendas que aqui citamos, da freseura e da originalidade simples d'ellas, para outras que andam espalhadas tambem, é certo, mas que são verdadeiras pastiches fradescos. Assim é a de S. José de Ribamar (do Maranhão), aproveitada por Flavio Reimar, artisticamente contada por elle no seu livro (retomamos de memoria) *Entre o Céu e a Terra*. Como esta, com a mesma acção, as mesmas circumstancias, ha outras na Bahia. Vej-se a de N. S. da Graça (Babú), N. S. de Nazareth (Pardé), e de diversas fontes milagrosas n'aquella provincia, e que vem narradas no *Noro Orbe Seraphico* do padre Jobatão. Encontramos em Porto Seguro a fonte de N. S. da Victoria, junto á igreja que os predicados milagrosos, a do Morro de S. Paulo e a de uma fazenda—*Outeiros*—, que tem a mesma lenda.

(4) Póde haver alguém que desconheça a propriedade da qualificação—*mythologia dada*—a san-taria do calendario, mas quem reparar bem, sem prevenção, reconhecel-a-ha como verdadeira. Falamos principalmente com relação á mythologia grega.

brindes succedião uns aos outros, e alguns houve tão entusiastas e brilhantes, que vou de passagem dar uma ideia d'elles aos leitores do *Domingo*, pelo interesse que tomo em oriental-os de todas as novidades locais.

Na mesa dos convivas, o primeiro a usar da palavra, foi um dos nossos mais distintos advogados, o illustre Sr. Dr. P. Duarte, que, depois de patentear em um magnifico exordio, o alto conceito que lhe merece o alludido caracter do digno exjuiz do commercio d'esta Capital, entrou no assumpto de seu brinde, analysando da maneira a mais honrosa os precedentes recommendaveis do recto magistrado, cuja honestidade impolucta acabava de ser sabiamente galardoadada com a veneranda toga dos altos depositarios da justiça. Commentando o procedimento digno do governo imperial a respeito houve-se com aquella eloquencia que lhe é habitual, tecendo-lhe os maiores elogios, e terminou fazendo votos para que a magistratura brasileira continue a ter motivos para exultar, sempre que tiver de ver em seus tribunaes magistrados da tempera e do character do Sr. desembargador Braga.

Fallou em seguida o Sr. Domingos Alves, na qualidade de procurador do Sr. C. Belchior, o qual, em nome d'este cavalheiro, fez tambem uma saude ao digno magistrado, que só destoou da primeira no que respecta á linguagem, que por ser um tanto rasteira, era pouco apropriada á saão.

Outros brindes se fizeram não menos importantes, que forão geralmente applaudidos, tornando-se notaveis os que vamos mencionar:

Do Sr. Pedro dos Santos ao Sr. Domingos Alves. Preconizou as distinctas qualidades de seu character bondoso; fez a apologia do seu genio condescendente e affavel e concluiu por uma elegante metaphora que o Sr. Alves não percebeo, mas de que gostou muito.

Do Sr. Domingos Alves ao seu digno amigo ausente, o Sr. Custodio Belchior. Este brinde chamou muito a attenção dos convivas, e o illustre orador, competendo intimamente dos sentimentos amistosos que o movião, pronunciou-se com aquella logica que todos lhe conhecem. Disse que sendo intimo amigo do Sr. Belchior, aproveitava a occasião para lhe dar uma prova inequivoca da muita estima que lhe consagra, no brinde que lhe fazia, e que só sentia não vê-lo a seu lado, porque estava certo que elle seria o proprio a corroborar suas palavras, por serem do coração, e filhas do entranhado affecto que sempre lhe dedicou.

Em grupo reservado, o Sr. Serra Pinto, imitando o Sr. Domingos Alves, fez tambem uma saude á um seu amigo ausente o Sr. Espaminondas de Mello, muito ex-digno presidente d'esta provincia, a qual, sendo cavalheirosamente correspondida por alguns seus amigos, o foi com enthusiasmo pelos Srs. T. Afanha, Silva Rodrigues e Joaquim Imperial.

Logo após, pediu a palavra o Sr. Eclides Paria, que recitou uma brilhante allocução dedicada ao Sr. João Candido e n'ella pôz em alto relevo, não só os predicados do nobre cavalheirismo d'este seu amigo, como o merito real e valor intrinseco do seu almanak administrativo.

Fallou ainda o Sr. Marques Granja, erguendo um brinde ao seu particular amigo o Sr. Marcia, patenteando em deliciosas phrases o muito que o aprecia como um *typo* de homem que sabe verdadeiramente comprehender o valor da palavra amigo.

Entrando, n'esta occasião, na sala uma commissão de cinco membros, por parte da instrucção publica, composta dos Srs. J. Carlos, Dionisio Carvalho, Dr. Affilio, Dr. Gentil e Americo Sousa, o respeitavel dono da casa veio recebê-la com aquella galhardia, propria de sua alta posição, e sendo d'ella relator o Sr. J. Carlos, pronunciou um bem elaborado discurso de felicitação, que sentimos não transcrever aqui por falta de espaço.

Emquanto isto se passava, continuava animado o enthusiasmo na sala do banquete, para a qual foi logo condusida a nobre commissão felicitante que, em sentido collectivo, ergueo um esplendido brinde ao distincto desembargador, que ainda mais esplendido se tornou quando o Sr. Dr. Gentil, n'um excellente improviso, confirmou em verso o que havia dito em prosa e illustre commensal.

Penhorado o Sr. desembargador Braga com tantas provas de estima e consideração, não ponde por mais tempo reservar-se, e, usando da palavra, proferio um tão eloquente e tocante discurso, que chegou á todos os corações. Alludindo á saude que lhe fora feita pelo seu illustre amigo, Dr. P. Duarte, tecendo-lhe, em agradecimento, os mais subidos elogios e, com mais magistral clareza, fez-lhe uma exposição succinta do muito que aprecia sua robusta intelligencia, cujas premissas era o primeiro á admirar nos proprios escriptos que lhe tem dedicado.

Referindo-se em seguida á todos os cavalheiros presentes, agradeceo lhes com abundancia de coração a honra que lhe havia dispensado, tomando parte no seu justo regosijo, e protestou-lhes a sua eterna gratidão pelas espontaneas provas do muito que o apreciação e considerão.

Terminou a festa cerca das duas horas da madrugada ao som de musica e foguetes, com os quaes havia entusiasticamente começado.

São estas as informações que pude colher: si alguma houver adterada, quei-

xem-se os leitores do meu informante, aliás pessoa qualificada.

—No dia 17 o reboliço foi diverso. Neste dia em vez de vivas e foguetes o povo tratava de um assassinato commettido por um magistrado altamente collocado na pessoa de uma pobre menina prostituta! Fallou do desembargador Pontes Visgueiro. Os jornaes desta capital já narraram succintamente as peripécias deste horroroso drama, e portanto desnecessario será repetir-vos o que elles já disseram.

Um facto deu-se, porem, na noite do seguinte dia, e que passou desaperebido. Nessa noite o povo, impressionado ainda pelo horrivel drama que se desenrolou ante sua vista, indignado com o modo porque o author d'esse drama monstruoso menospresava as ordens do Dr. chefe de policia, agglomerou-se á porta d'aquelle e clamava alto contra semelhante menosprezo; eis senão quando uma voz, que semetiava-se a de um general que tem diante de si um exercito inimigo, grita—*calar baionetas! dispersa essa canalha de um!*... os soldados ao som d'aquelle voz avançaram, e o povo que descancando nas leis do paiz, não esperava ser prejudicado no seu direito quando se achava ali pacificamente, correu, e nessa corrida alguns cabrião e foram duramente machucados, e outros, no numero dos quaes entrou o vosso chronista, deixaram estampados nas paredes o tamanho e forma dos narizes.

Que tal? Isto não é bonito; n'um paiz civilisado, na Athenas brasileira não devia ver-se cousas semelhantes.

Um homem, por se achar revestido de um cargo policial, não pode nem nunca deve usar de taes meios e expressões para um povo pacifico por natureza como o é o maranhense, e ainda mais quando esse povo clamava justamente.

Os impetos de um genio irascivel são muitas vezes prejudiciaes, e esse homem, que tantas dellas se tem deixado levar por elles, deve procurar sopital-os para que não lhe aconteça ainda alguma cousa de que S. S. não goste.

Entre essa *canalha*, como chamou, achavão-se pessoas de bem, levadas ali pelo espirito de curiosidade.

—Houve, domingo, festa de S. Manoel em S. Pantaleão. Apesar dos acontecimentos desse dia via-se lá muitas pessoas; reinou, porém, a monotonia de costume.

Até domingo.

Xisto Calixto.

O editor do «DOMINGO» manda um cartão de visita aos assignantes que estão em debito.